

Coleção Aventuras Grandiosas

Mark Twain

As Aventuras de

HUCKLEBERRY FINN

Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez

2ª edição

 EDITORA
RIDEEL

CAPÍTULO 1

Você não me conhece, a não ser que tenha lido *As aventuras de Tom Sawyer*, escritas por um tal de Mark Twain. Se você leu a história, com certeza se lembra de que eu e Tom descobrimos doze mil dólares escondidos na caverna dos ladrões. Ficamos ricos do dia para a noite. O juiz Thatcher tomou conta da nossa fortuna, colocou o dinheiro para render, de modo que passamos a ganhar um dólar por dia cada um. Que maravilha!

A viúva Douglas decidiu me adotar, pois queria que eu me tornasse um menino civilizado. Não aguentei ficar em casa o dia todo fazendo sala para ela e fugi. Que delícia ter minha liberdade de volta, andar por onde bem entendesse! Tom Sawyer foi atrás de mim; falou um tempão na minha orelha, disse que queria formar uma quadrilha, mas que eu só poderia fazer parte se voltasse para a casa da viúva. Acabei **CEDENDO**.

Foi insuportável! Além de ter me recebido com lágrimas nos olhos, a viúva Douglas comprou um terno engomado para mim. Eu tinha que andar todo duro dentro daquela roupa apertada, esperar o toque da campainha que anunciava as refeições e começar a comer somente após a prece, que, na minha opinião, não mudava em nada o gosto da comida.




Depois ela me levava para a sala e lia histórias de um tal Moisés. No início gostei, mas quando soube que ele já estava morto há anos, não prestei mais atenção. Nunca me interessei por gente morta.

Além da Sra. Douglas, eu ainda tinha que aguentar a irmã dela, a Srta. Watson. Era uma velha alta e magra que me fazia soletrar palavras e ler histórias idiotíssimas de uma cartilha. Depois saía pela casa resmungando: “Huck, não ponha os pés na cadeira. Huck, sente-se direito, não se espreguice desse jeito. Huck, bocejar é feio”.

A Srta. Watson falava muito sobre o inferno. Um dia eu lhe disse que tinha vontade de ir para lá. Ela fez um escândalo, falou que eu era um caso perdido, que tudo o que ela fazia na vida era com intenção de merecer as bênçãos do céu. No dia do grande **JUÍZO FINAL**, as pessoas boas iriam para o céu passar o dia tocando **HARPAS** e ouvindo hinos suaves.

À noite, a Srta. Watson chamava os escravos para a reza. Todos cantavam alto, depois se retiravam e iam dormir. Eu ia para o meu quarto carregando uma vela e sentava perto da janela. Sentia um aperto no peito, uma tristeza que me fazia ter vontade de morrer. Queria mesmo era dormir do lado de fora.

Em uma dessas noites, escutei o pio de uma coruja. Depois ouvi um galho se mexer e o miado de um gato. Um sopro de alegria tomou conta de mim. Miei de volta e recebi resposta. “Finalmente”, pensei. Pulei com cuidado para o jardim e fui, sem fazer barulho, até o lugar onde Tom Sawyer me esperava.

-  **CEDENDO**: concordando, anuindo
-  **JUÍZO FINAL**: segundo a doutrina da Igreja, o dia em que, no fim do mundo, Deus há de julgar os bons e os maus
-  **HARPAS**: instrumentos musicais, de corda, conhecidos desde a Antiguidade



Saímos os dois, pé ante pé, rumo ao portão da casa. Passando em frente à cozinha, tropecei sem querer e caí. O negro Jim, escravo da Srta. Watson, saiu gritando:

— Quem está aí?

Ficamos imóveis e em silêncio, escondidos atrás de um arbusto. Comecei a sentir uma coceira no pé, mas não me atrevi a levar a mão até lá. O problema é que a **COMICHÃO** começou a subir, passou para a perna, a barriga, o pescoço, até chegar na orelha. Que droga, é sempre assim, sentimos coceira quando não podemos coçar. Jim insistiu:

— Quem é? Ouvi passos, sei que tem gente aí. Não quer aparecer? Pois pode demorar o quanto quiser, vou ficar aqui e esperar.

E ele ficou mesmo, plantado em uma cadeira. A coceira já estava tão forte, que lágrimas escorriam pelo meu rosto. Quando achava que não iria mais suportar, ouvi Jim roncando. Que alívio, a coceira sumiu imediatamente!

Tom e eu subimos o monte atrás de casa e esperamos por Joe Harper, Ben Rogers e os outros. O rio Mississippi corria lá embaixo, tranquilo sob as estrelas. Assim que todos se reuniram, descemos o morro, pegamos uma canoa e remamos mais ou menos uns três quilômetros para baixo, até chegarmos a uma pequena **BAÍA**. Tom Sawyer nos fez jurar segredo sobre o local onde seria nossa reunião e nos conduziu a uma caverna ampla, mas com a entrada bem estreita.

— Certo — disse Tom. — Vamos estabelecer as regras da grande quadrilha de Tom Sawyer.

Tom tirou um papel do bolso e começou a ler:

“Juramos cumprir as ordens do nosso capitão e nunca revelar os segredos da quadrilha. Quem trair a quadrilha terá um membro de sua família morto e marcado no peito com uma cruz de sangue. Além disso, o traidor será degolado e queimado. Nunca mais seu nome será mencionado. Aquele que nos trair estará **FADADO** ao esquecimento.”

Aplaudimos e cumprimos Tom pelas belas palavras.

— Escrevi uma parte — disse Tom. — Mas o principal tirei dos livros sobre piratas e ladrões. Afinal, aqueles homens são muito mais experientes do que eu.

— Tenho uma dúvida — disse Ben Rogers. — Como vamos matar alguém da família de Huck, se ele não tem família?

— Huck tem pai, sim senhor — respondeu Tom.

— Faz um ano que ninguém o vê. Se fosse antes, poderíamos achá-lo no chiqueiro, bêbado, dormindo com os porcos, mas agora...

Quase chorei de medo de não poder fazer parte da quadrilha, mas tive uma ideia:


— Juro que não vou trair vocês, mas se isso acontecer, podem matar a Srta. Watson.


A proposta foi aceita; nós todos furamos o dedo com alfinetes e assinamos o juramento. Em seguida começamos a combinar o que a nossa quadrilha iria fazer.

— Vamos cometer roubos e assassinatos. Assaltaremos carruagens, acabaremos com a vida dos viajantes e ficaremos com tudo o que eles possuírem — disse Tom.

— E sempre teremos que matá-los? — perguntei.

 **COMICHÃO**: coceira

 **BAÍA**: pequeno golfo, de boca estreita, que se alarga para o interior

 **FADADO**: predestinado



— Sim, é o mais comum, mas também podemos trazê-los para cá para que eles sejam resgatados.

— O que significa “resgatados”? — perguntou Ben Rogers.

— Isso não é importante — respondeu Tom. — Está nos livros, é o que importa.

— Não concordo — continuou Ben. — Não podemos fazer uma coisa que não sabemos o que é, só porque está nos livros. O que você acha que significa?

— Imagino que seja manter uma pessoa presa até a morte.

— Ótimo, assim é melhor. Vamos deixar os prisioneiros nesta caverna até que eles sejam resgatados pela morte. Se tentarem fugir, vamos “resgatá-los” a paulada mesmo.

— Não sei não, senhor Ben Rogers. Os livros não explicam bem assim — disse Tom. — Quem escreve um livro sabe o que diz. Quem é você para ensinar os escritores?

— Vamos mudar de assunto — propôs Ben. — E as mulheres, também serão mortas?

— Não diga besteira — respondeu Tom. — Em que livro você leu isso? As mulheres serão muito bem tratadas, até que esquecerão de suas vidas e desejarão ficar aqui conosco.

Tom e Ben continuaram a discutir. Combinamos que os assaltos começariam em um domingo, pois era nosso único dia de folga. Depois remamos de volta e corremos para nossas casas. Entrei no meu quarto pela janela, quando o sol já estava aparecendo, todo sujo e louco de sono. Que cansativa essa vida de bandido!

Nossa quadrilha trabalhou durante um mês, até que todos **RENUNCIARAM** aos seus cargos. Na verdade, não matamos nem roubamos ninguém. Assustávamos alguns meninos que conduziam porcos até a cidade e mulheres que carregavam legumes. Depois nos reuníamos na caverna e ficávamos imaginando que os porcos eram barras de ouro gigantes e os legumes, pedras preciosas. No entanto, os tesouros sempre ficavam com seus donos. Era mais uma brincadeira de bandido.


Como vocês já sabem, há mais de um ano, meu pai sumiu. Disseram-me que viram o cadáver dele boiando no rio, mas não acredito nisso. Vivo com medo de que ele apareça e resolva me bater de novo depois de se embriagar.

CAPÍTULO 2

Três meses se passaram e o inverno chegou. Eu estava indo à escola; aprendi a ler e a escrever mais ou menos. Aos poucos fui me acostumando com a escola, com a viúva e sua irmã. A Sra. Douglas disse que eu estava me civilizando lentamente e que ela não tinha mais vergonha de mim.

Um dia derrubei o saleiro na mesa e, imediatamente, peguei um punhado de sal com a mão direita para jogar sobre o ombro esquerdo. Fazendo isso, afastava-se a má sorte; era a única coisa que funcionava contra o sal derrubado. Mas, infelizmente, a Srta. Watson me fez parar no ar:

— Não faça isso, garoto. Juro que o obrigo a lavar o chão!

 **RENUNCIARAM:** desistiram, abdicaram



PETRIFICADO com o olhar rígido dela, saí da mesa **CABISBAIXO**, imaginando o que de ruim iria me acontecer nas próximas horas. Dito e feito. Fui até o portão e percebi que havia pegadas na neve em frente a ele, como se alguém quisesse entrar na casa. Estudei as pegadas e notei uma cruz gravada no salto esquerdo. Essa cruz ajudava a afastar demônios, e eu sabia muito bem quem usava essas botas. Corri, apavorado, até a casa do juiz Thatcher.

— Olá, Huck — disse ele, ao me ver entrar. — Veio buscar os juros do dinheiro?

— Senhor, eu não quero o dinheiro, pode ficar com tudo, com todos os seis mil dólares.

— Huck, o que está acontecendo? Você parece nervoso.

— Não me peça explicações, senhor Thatcher, não me obrigue a mentir.

O juiz olhou bem para mim, coçou a cabeça, pensou, depois disse:

— Está bem, vou então comprar o dinheiro de você.

Ele escreveu um documento, que assinei sem ler, entregou-me um dólar e falou:

— Negócio fechado.

— Obrigado, senhor — disse eu, correndo para casa.

Realmente fiz bem em vender minha fortuna ao juiz, pois, assim que entrei no meu quarto, lá estava ele, sentado na minha cama, em carne e osso: meu pai.

Ele tinha uns 50 anos e um aspecto bem abatido. Estava muito pálido, com a barba por fazer, o cabelo comprido e sujo e as roupas furadas. Olhei para a janela aberta e percebi que ele tinha entrado por lá. Fiquei com medo de apanhar, mas logo vi que ele ainda não estava bêbado.

— Roupa nova... — comentou. — Está achando que é gente, não é, garoto?

— Talvez sim, por quê?

— Vamos parar com essa arrogância! Ainda por cima estão dizendo que agora você sabe ler. É verdade?

— Sim. Sei um pouco.

— Pois se eu te pegar indo à escola de novo, acabo com você. Onde já se viu, querer ser melhor que o pai? Eu não sei ler e não vou me envergonhar de ter um filho bancando o importante. Agora, vamos lá, quero saber do dinheiro.

— Que dinheiro? — perguntei.

— Não se faça de bobo comigo — gritou. — Cheguei há dois dias e só escuto falar da dinheirama que você ganhou.

— Não tenho dinheiro nenhum.


— Moleque mentiroso! O juiz Thatcher está com ele. Vá buscar a grana agora!

— Pergunte o senhor mesmo ao juiz.

— Muito bem, já vi que esse quarto cheiroso e essas roupas de cama limpas corromperam mesmo você. Não tem vergonha? E seu pai dormindo com os porcos... Vou falar com o juiz.

Em seguida saiu pela janela, roubando-me o único dólar que eu tinha no bolso e jurando me matar se me pegasse na porta da escola.

Meu pai não se conformou com o fato de eu ter vendido minha fortuna, como o juiz explicou para ele, e volta e meia me exigia uns trocados. Eu pedia sempre para o

 **PETRIFICADO**: paralisado de medo

 **CABISBAIXO**: com a cabeça baixa



Sr. Thatcher alguns dólares emprestados, dava-os ao meu pai, mas ele sempre gastava o dinheiro em bebida e ia dormir na cadeia. Eu passei a gostar de ir à escola, acho que só para contrariar o velho, e todo dia dava um jeito de pular o muro para entrar na aula.

Um dia, meu pai me pegou e me levou para um barco, que não sei onde ele conseguiu. Remamos até o Estado de Illinois e ficamos morando em uma cabana de madeira **ROLIÇA**, no meio do mato. Ele me vigiava, andava sempre com a chave da cabana. Na hora de dormir, guardava-a debaixo do travesseiro. De vez em quando ele me trancava e ia beber na cidade próxima. Quando voltava, eu me dava mal; levava cada surra...

No entanto, a vida no mato era bem mais agradável do que na casa da viúva. Eu pescava e passava os dias sem lembrar de lições e leituras. Apesar das surras, eu preferia ficar lá do que andar todo engomado, com horários para tudo.

Mas, aos poucos, fui ficando com mais e mais medo do velho. Uma vez ele saiu e me deixou trancado durante uma semana. E se eu nunca mais conseguisse sair dali? As janelas eram mínimas e a chaminé muito apertada. Revistei a cabana e acabei encontrando uma antiga lâmina de serra enferrujada.






Atrás da mesa havia um pano pregado na parede para impedir que o vento entrasse por uma fresta. Desprendi um pedaço do pano e comecei a serrar a madeira da parede. Já estava bem adiantado, quando ouvi tiros no mato. Escondi a lâmina, varri a **SERRAGEM** e sentei na cama, quase no mesmo segundo que meu pai entrou.

— Movi uma ação contra o juiz — anunciou. — Ele vai me devolver esse dinheiro por bem ou por mal. Ainda por cima aquela velha viúva quer ser sua **TUTORA** legítima. Saiba que se alguém vier aqui atrás de você, eu o carrego para algum lugar onde nem o demônio vai nos encontrar.

Não gostei da história de a viúva querer me levar de volta, mas também não queria ir com o velho para mais longe. Resolvi apressar a fuga. Meu próprio pai acabou me ajudando a ter ideias, pois pediu que eu fosse lá fora descarregar a canoa. Ele tinha comprado comida, dezesseis litros de rum, munição e uma espingarda de segunda mão. Depois de levar as compras para dentro da cabana, voltei para o bote, sentei na **PROA** e fiquei tramando os detalhes do meu plano. Eu iria esperar o velho se embriagar e dormir, depois tentaria fugir pela fresta que tinha serrado na noite anterior.

Como de costume, meu pai tomou uma garrafa de rum quase inteira durante o jantar. Esperei que ele dormisse, mas o velho não conseguia pegar no sono. Virava de um lado para o outro da cama, suando e **PRAGUEJANDO**. Acabei adormecendo.

De repente, um grito me acordou. Meu pai, dominado pelos efeitos da bebida, despertara apavorado, acreditando que via cobras pela casa toda. Eu olhava para o chão e não enxergava nada, mas ele berrava, ordenando que eu matasse os répteis. Como eu não me mexia, o velho pegou um facão e correu atrás de mim, dizendo que eu era o Anjo da Morte, e que eu estava lá para levá-lo. “Meu Deus”, pensei, “será que vou morrer esfaqueado pelo meu próprio pai?”.

-  **ROLIÇA:** que tem forma de rolo
-  **SERRAGEM:** pó de finas partículas que sai da madeira quando esta é serrada
-  **TUTORA:** protetora, defensora
-  **PROA:** a parte da frente de um barco
-  **PRAGUEJANDO:** falando mal, dizendo pragas, amaldiçoando



Corri para todos os lados da cabana, tentando escapar, mas não houve jeito, ele me agarrou pelo casaco. Num golpe de sorte e agilidade, consegui trapeá-lo, dando um jeito de desvestir o casaco e deixá-lo segurando somente a roupa. Exausto, o velho guardou a faca e falou que precisava dormir um pouco antes de continuar a me perseguir. Subi na mesa com todo cuidado, enquanto meu pai deitava na cama e começava a roncar. Peguei a espingarda e a apontei para a direção dele. Esperei aflito que ele levantasse, mas, como isso não aconteceu, fui vencido pelo cansaço e peguei no sono.

CAPÍTULO 3

Acordei com o sol alto e com o velho me sacudindo.

— Ei, o que está fazendo com esta espingarda? — perguntou, já esquecido da noite anterior.

— Tentaram entrar na cabana — menti.

— E por que não me acordou?

— Tentei, mas não consegui.

— Está bem, chega de conversa mole. Vá la fora ver se há peixes nos anzóis.

Fui correndo para a beira do rio e percebi que as águas estavam mais altas, pois havia muitos galhos, folhas e pedaços grandes de madeira descendo a correnteza. As enchentes de junho sempre arrastavam toras de madeira e destroços de balsas rio abaixo. Avistei de longe uma canoa. Sem pensar muito, atirei-me na água, esperei a canoa se aproximar de mim e a levei para a margem. Como meu pai ainda estava dentro da cabana, consegui puxá-la até um recanto no mato e escondê-la. Depois voltei para os anzóis e levei cinco peixes para dentro.

— Por que demorou tanto? — reclamou o velho.

— Caí na água — respondi, pensando sem parar em como aquela canoa seria útil para a minha fuga.

Depois de almoçar, meu pai resolveu ir até a cidade de novo. Disse que precisava comprar mais uma arma para nos proteger. Trancou-me de novo e saiu. Imediatamente, continuei a serrar o buraco que tinha começado a fazer na parede. Em menos de dez minutos o vão estava pronto. Passei para o lado de fora e ainda consegui avistar meu pai chegando à outra margem do rio.

Comecei a colocar o plano em ação. Levei farinha, açúcar, linha de pescar, fósforos e munição para a canoa escondida, além da minha serra e da espingarda. Apaguei as pegadas de tantas idas e vindas até a canoa, depois de puxá-la para perto do rio. Tapei o buraco na parede com a própria madeira serrada. Ficou perfeito, somente um exame bem detalhado da casa permitiria que descobrissem por onde fugi.

Depois saí para o mato com a espingarda. Avistei um porco selvagem e atirei nele, fazendo o animal cair **ESTREBUCHANDO**. Com muito esforço, carreguei-o para a cabana e derrubei a porta com o machado enferrujado do meu pai, para dar ideia



ESTREBUCHANDO: debatendo-se, agitando-se com violência



de arrombamento. Coloquei o porco na mesa, cortei sua garganta com o machado e empapei o chão de sangue. Em seguida, arrastei o animal até a beira do rio. Criando um rastro de sangue até a margem, coloquei-o dentro de um saco de estopa cheio de pedras e afundei-o. Tom Sawyer, se estivesse lá, teria orgulho da minha esperteza!

Escondi a canoa um pouco mais abaixo, numa margem cheia de **SALGUEIROS**, e entrei dentro dela para esperar a noite chegar. Assim que a escuridão tomou conta do céu, remei até o meio do rio e deixei a correnteza me levar. Era muito difícil alguém me ver no meio do **BREU** e da névoa. Um bom tempo depois, avistei a ilha Jackson. Manobrei a canoa em direção a ela e consegui atracar no lado do Estado de Illinois. Escondi a canoa, deitei-me sobre uma tora de madeira e adormeci, cansado e aliviado por estar livre finalmente.

Acordei com o barulho de um navio se aproximando da ilha. Escondido, pude ver meu pai, o juiz Thatcher, a viúva, a Srta. Watson, Tom Sawyer e sua tia Polly, Sid e Mary, os irmãos de Tom. Todos procuravam o meu cadáver que, de acordo com o capitão, poderia ter seguido a correnteza até lá. Embrenhei-me no mato e esperei que eles seguissem para o outro lado da ilha, que dá margem para o Estado de Missouri. Depois vi-os subindo o rio de volta para casa, desconsolados, sem terem encontrado nada. A viúva chorava e Tom Sawyer ainda dava uma última olhada no rio.

Pronto, agora sim eu estava livre e louco para desfrutar da minha liberdade! Durante os dias que se seguiram, pesquei, observei as estrelas e os troncos descendo a correnteza, dormi e matei o tempo fazendo caminhadas para dentro da ilha, a fim de buscar água e colher frutas silvestres. Está certo que sentia um pouco de solidão, mas isso sim é que era vida!

Uma noite, ouvi passos sobre as folhas secas que cobriam o chão. Apavorado, pois acreditava que a ilha fosse deserta, escondi-me. Mal consegui dormir e, de manhã, num **ROMPANTE** de coragem, resolvi dar uma espiada para ver quem me fazia companhia naquele lugar. Caminhei na direção de onde vinha o barulho na noite anterior e levei o maior susto. Eu conhecia aquele homem deitado ao lado de um monte de brasas apagadas. Aproximei-me com cuidado e gritei:

— Jim!

Sim, era ele mesmo, o escravo da Srta. Watson. O pobre homem se desesperou ao me ver, achando que eu era alma do outro mundo, mas acabou se acalmando, depois que lhe contei todas as armadilhas que fizera para fugir do meu pai.

— Mas fale, Jim, o que está fazendo aqui? — perguntei, afinal.

— Só digo se me prometer guardar segredo.


— Prometo.

— Está bem. Eu... eu... fugi.

— Fugiu???

— Você prometeu, Huck.

— E cumprirei minha palavra. Podem me chamar de **ABOLICIONISTA**, não pretendo voltar à cidade nunca mais. Agora diga, Jim, como conseguiu escapar?

 **SALGUEIROS**: árvores com folhas compridas, que pendem às vezes até o chão

 **BREU**: escuridão, trevas

 **ROMPANTE**: reação impetuosa

 **ABOLICIONISTA**: uma pessoa a favor da abolição (libertação) dos escravos



— Quando seu pai chegou lá em casa avisando que tinham te assassinado, todos saíram à procura do seu cadáver. Acredite, Huck, senti muito a sua morte. Mas quando percebi que a casa estava vazia e que os outros escravos tinham saído também, aproveitando a ausência da Sra. Douglas e da Srta. Watson, não pensei duas vezes. Eu tinha escutado uma conversa; a Srta. Watson disse para a viúva que estava pensando em me vender para um fazendeiro do sul. Então percebi que aquela seria minha única chance. Consegui correr até a fábrica abandonada perto de casa e fiquei lá até anoitecer. Depois me atirei no rio e me agarrei numa balsa, que me **REBOCOU** até aqui.

— Nossa, Jim, que aventura!

— O pior é que já faz dias que só como frutas silvestres. Não me arrisco a ir pescar de dia e de noite não dá para enxergar nada.

Mostrei a ele meu anzol e minha espingarda, além da farinha e do açúcar. Ele pulou de alegria. Fizemos fogo, assamos um peixe bem grande e comemos até estourar! Depois ficamos conversando. Jim sabia de tudo o que dava azar ou era mau agouro, como atirar em pássaros ou avisar as comidas que serão feitas no almoço. Dizia também que o homem que tem pelo no peito vai ser rico. Olhei para ele e disse:

— Você é peludo, Jim. É sinal de que vai ser rico?

— Na verdade, já sou — respondeu. — Sou dono de mim mesmo e ouvi a Srta. Watson dizer que valho oitocentos dólares.

No dia seguinte, o céu ficou preto, carregado de nuvens de chuva. Jim e eu conseguimos esconder os mantimentos em uma caverna no interior da ilha e ficamos lá, almoçando e observando o temporal. À tardinha, quando a chuva diminuiu, pegamos a canoa e fomos remar um pouco, observando tudo para não corrermos o risco de ser descobertos. De repente, vimos uma casa inteira descendo o rio. Amarramos a canoa na casa e Jim decidiu entrar nela. Assim que entrou, deu um berro:

— Tem um homem morto aqui dentro, Huck, com dois tiros na cabeça! Entre, mas não olhe para o rosto dele, é horrível demais!

Jim cobriu o homem com um cobertor, mas eu não estava com a menor vontade de olhar mesmo. Depois pegamos algumas coisas dentro da casa que poderiam ser úteis, como roupas, uma faca, velas, uma caneca, um machado, pregos e anzóis. Como já estava quase na hora de os navios de passageiros passarem por aquele trecho do rio, remamos de volta para a nossa ilha. Jim foi deitado no fundo da canoa, para que ninguém o visse, e a casa seguiu boiando rio abaixo.

CAPÍTULO 4

No dia seguinte, o rio começou a baixar depois da chuvarada. Cansado de tanto ficar naquela ilha, sugeri a Jim que eu saísse para buscar mantimentos. Ele concordou e disse que eu poderia usar as roupas de mulher encontradas na casa abandonada no dia anterior.



REBOCOU: puxou com uma corda



— Ótima ideia, Jim! Vou treinar para me comportar como uma menina, assim ninguém vai me reconhecer — falei, empolgado.

Jim era muito habilidoso. Ele encurtou as roupas usando anzóis para prender o pano, já que não tínhamos alfinetes. Em pouco tempo, eu estava vestido de mulher, com um gorro desses que se amarram no pescoço, saia e camisa de babados.

Saí remando em direção à cidade. Amarrei a canoa em um tronco perto de um **REMANSO** que eu conhecia e subi o morro que dava vista para as casas. O mesmo lugar onde, um tempo atrás, Tom e eu tínhamos encontrado os meninos da quadrilha.

Observei que uma casinha próxima estava iluminada. Achei estranho, pois sempre estivera abandonada. Aproximei-me com cuidado e vi uma senhora costurando lá dentro. “Deve ser nova na cidade”, pensei, “com certeza sabe novidades.” Ajeitei minhas roupas e minha postura, pronto para representar o papel de menina. Depois bati na porta, certo de que não seria reconhecido.

— Entre — disse a senhora. — Como é seu nome? — perguntou.

— Sara Williams. Sou de Hockerville, a dez quilômetros daqui. Andei por todo o trajeto e estou exausta.

— Está com fome?

— Não, obrigada, um fazendeiro aqui perto me deu comida. Vim procurar meu tio, o senhor Abner Moore. Minha mãe está doente e sem dinheiro.

— Infelizmente não sei onde ele mora, mudei para cá há duas semanas, ainda não conheço muita gente. Mas meu marido está para chegar, foi até a cidade, um pouco mais abaixo. Talvez ele conheça seu tio.

— A senhora está gostando daqui? — perguntei, para ver se ela contava alguma coisa sobre o meu assassinato.

— É um lugar agradável, embora não seja muito seguro — respondeu ela, mordendo a isca. — Fiquei sabendo que um menino chamado Huckleberry Finn foi morto a machadadas em uma cabana aqui perto.

— Não diga! — respondi, admirado, sentando-me no sofá e cruzando as pernas como mulher.

A senhora me observou intrigada, mas continuou a contar:

— Uns dizem que foi o próprio pai que o matou, o velho Finn. Outros acreditam que foi um escravo chamado Jim, que fugiu na mesma noite do assassinato.

— Ele?... — calei-me, disfarçando.


— Há uma recompensa de trezentos dólares pela vida do negro. Que brutalidade, fazer isso a um garoto!

Comecei a tremer, pensando que tinha que achar um jeito de sair dali o mais rápido possível, mas a senhora continuava a falar e a me olhar de modo esquisito.

— Hoje à noite meu marido e dois companheiros vão até a ilha Jackson para dar uma investigada. Ontem vi fumaça lá e, apesar de dizerem que a ilha é deserta, o escravo pode estar escondido no mato.

— É... é... verdade — gaguejei, disfarçando meu desespero.

— Como é mesmo o seu nome? — perguntou.

 **REMANSO:** contracorrente junto às margens de um rio, causada por pontas de terra, fins de praias, enseadas, onde o ângulo morto produz uma espécie de refluxo fluvial



Não me lembrava mais o nome que eu tinha dito e acabei falando:

— Mary Williams.

— Pensei que tinha dito Sara Williams.

— Sara Mary Williams. Uns me chamam de Sara, outros de Mary.

— Escute, garoto, diga logo seu nome: Não adianta disfarçar porque já percebi que se trata de um menino. Uma menina não cruzaria as pernas como você o fez. Pode confiar em mim, não lhe farei mal.

— Desculpe-me, senhora, mas na verdade apanhei muito de um fazendeiro que é meu tutor. Sou órfão de pai e mãe e estou procurando meu tio Abner Moore aqui em Goshen. Ele é minha última esperança. Resolvi me vestir de mulher para evitar que me descobrissem e me levassem de volta ao fazendeiro.

— Goshen? Aqui é Saint Petersburg.

— Meu Deus, devo ter me perdido.

— Goshen fica do outro lado do morro, uns dois quilômetros abaixo.

— Neste caso devo ir. Obrigado por me deixar descansar, senhora.

A senhora ainda arrumou uma sacola com um lanche para o caminho, recomendou-me cuidado e disse que eu poderia contar com ela, caso precisasse de alguma ajuda. Não suportava maus-tratos com crianças.

Assim que consegui chegar no rio, remei desesperadamente até a ilha. Fiz fogo em uma das margens para atrair os homens, remei até o outro lado, escondi a canoa e corri para a caverna. Encontrei Jim dormindo profundamente.

— Jim, acorde, rápido! Não temos tempo, estão atrás de nós! — gritei.

Jim não disse nada, mas percebi que estava muito nervoso. Levamos depressa todos os mantimentos para a canoa e saímos remando feito loucos. Uns metros abaixo, vimos uma balsa de madeira descendo o rio. Abaixamo-nos, com medo de haver alguém em cima dela, mas a balsa veio parar perto de nós, vazia. Demos um jeito de amarrá-la à canoa, subimos nela e continuamos a remar, dessa vez rebocando nossa canoa.

Deslizamos pelo rio em silêncio, até os primeiros raios da manhã surgirem no céu. Encontramos um pequeno remanso em uma das margens do Estado de Illinois e escondemos a balsa com ramos de **ALGODOEIRO**. Depois nos metemos no mato e ficamos o dia todo observando os navios passarem. Contei a Jim toda a história da senhora e da recompensa de trezentos dólares pela vida dele. O pobre homem se apavorou, mas concordamos que o importante era que tínhamos conseguido fugir.

Quando a noite chegou, Jim pegou algumas toras de madeira da balsa e construiu um tipo de cabana indígena no meio da balsa, assim poderíamos abrigar nossos pertences e mantimentos da chuva. Colocamos também um pouco de terra no centro, caso precisássemos fazer fogo. Fabricamos um remo reserva e demos um jeito de pregar a lanterna no alto da tenda, assim evitaríamos que outras embarcações nos **ABALROASSEM** durante a noite.

Passávamos as noites navegando e os dias nos escondendo, procurando frutas no mato e, de vez em quando, pegando alguma galinha fujona dos quintais

 **ALGODOEIRO**: árvore de algodão

 **ABALROASSEM**: virassem



próximos. Eu me sentia mal por estar roubando, mas Jim e eu nos convencemos de que estávamos somente pegando emprestado. Quando ficássemos ricos e Jim fosse livre, devolveríamos as galinhas. Éramos felizes!

CAPÍTULO 5

Jim era um homem bom, além de uma ótima companhia. Calculamos que dentro de três dias estaríamos na cidade de Cairo, onde o rio Ohio e o Mississippi se encontram. Chegando lá, poderíamos vender a balsa e embarcar em um dos navios a vapor que vão até os estados livres, mais ao norte.

Mas, infelizmente, na segunda noite de navegação, uma neblina forte tomou conta do céu. Como era perigoso navegar às cegas, pulei para a canoa e remei até a margem, numa tentativa de rebocar a balsa e amarrá-la em algum tronco. Quando cheguei em terra, só vi arbustos e ateii a corda da balsa a um deles. Como fui estúpido! A correnteza acabou arrancando o arbusto e carregando a balsa, junto com Jim, para longe.

Saí remando na canoa atrás deles, mas minha busca foi inútil. Eu chamava por Jim e escutava sua voz, mas não conseguia alcançá-lo, até que parei de ouvi-lo. Senti um pavor por estar descendo o rio Mississippi no meio do breu da noite sem poder enxergar nada. Será que não conseguiria mais encontrar Jim? Vencido pelo cansaço, ainda berrei por mais meia hora, mas acabei adormecendo no fundo da canoa.

Quando despertei, o céu estava claro e a noite estrelada. Levantei assustado, sem lembrar direito do que tinha acontecido. Observei bem o rio à procura da balsa. De repente, lá estava ela. Jim dormia sentado e quase desmaiou de emoção quando me viu. Abraçamo-nos, alegres por estarmos juntos de novo.

Dormimos o dia todo e, de noite, pusemo-nos a navegar. Jim estava ansioso para chegar em Cairo, mas uma coisa estranha começou a me afligir. Seria eu o responsável pela libertação de um negro? Um escravo valia dinheiro e a Srta. Watson nunca havia me feito mal. Pensei diversas vezes que meu dever era entregar Jim, mas esse pensamento também não me trazia alívio nenhum. Jim cantarolava, ansioso por se tornar um homem livre, comprar a liberdade de sua esposa, que era escrava em Saint Petersburg e depois libertar os dois filhos. Certa hora ele veio para perto de mim e disse:

— Você é o único amigo que o velho Jim já teve, Huck. O negro Jim vai ser livre graças ao Huck. Nunca esquecerei!

Aquelas palavras me tocaram, quase me fizeram chorar. Sorri para ele e decidi que naquelas condições em que estávamos, não havia certo ou errado. Eu agiria da maneira como me sentisse melhor e, provavelmente, o melhor era não entregar Jim.

Os acontecimentos que ocorreram na noite seguinte me fizeram acreditar mais ainda nisso. Novamente, Jim e eu nos separamos, dessa vez por causa de um vapor que navegava desatento pelas águas escuras. O comandante não desviou da nossa balsa, não sei se por maldade ou porque não nos viu mesmo. Só tivemos tempo de pular no rio desesperados, enquanto o navio esmagava a nossa balsa.



Nadei até a margem com bastante esforço, pois a correnteza estava forte, gritei por Jim muitas vezes, mas não ouvi resposta. Deitei, extenuado, na **RELVA**, certo de que, desta vez, não veria mais meu amigo.

De uma hora para outra, senti uma movimentação esquisita no mato atrás de mim. Escondi-me e fiquei espiando por trás de uma árvore. A luz da lua iluminava tudo. Vi dois garotos, um com a idade próxima à minha, uns 13 ou 14 anos, o outro com uns dezessete. Estavam armados, de tocaia no mato, esperando para atirar em alguém.

Sem fazer barulho, subi na árvore e observei os dois, bem atento às suas conversas.

— Aquele Harney Shepherdson vai morrer hoje, ou não me chamo Buck Grangerford! — disse o mais novo, que vestia uma camisa com a bandeira americana estampada.

— Nem eu me chamo Bob! Nossas famílias são inimigas há mais de trinta anos; como é que Harney sequestra nossa irmã para se casar com ela? Isso não está certo.

— Sofia não podia ter fugido com ele, será um desgosto para nosso pai.

De repente, aquele que deveria ser Harney Shepherdson apareceu, mas só que acompanhado de um grupo de uns cinco homens. Um tiroteio começou. Um outro rapaz, irmão de Buck e Bob, Tom, apareceu atrás deles avisando que seus pais já haviam sido mortos pelos Shepherdson. Os dois choraram amargurados, mas continuaram atirando, agora auxiliados por Tom. Tudo foi muito rápido; em menos de dez minutos os Shepherdson exterminaram os Grangerford e jogaram os três cadáveres no rio.

Com o coração na boca, vi um menino da minha idade ser morto. E tudo por causa de um casamento! “O que faria duas famílias se odiarem tanto?”, pensei. Levei algum tempo para descer da árvore, pois tive medo de que ainda tivesse alguém armado por perto, pronto para **DAR O BOTE**. Depois ouvi meu nome bem baixinho:

— Huck! Huck!

— Jim! — gritei de satisfação.

— Psiu! Não faça barulho. Huck, que bom ver você vivo! Quando ouvi aqueles tiros e vi uns corpos de menino boiando, tive certeza de que você estava morto. Precisei ficar escondido dentro da água porque escutei cachorros por perto. Podiam estar atrás de escravos.





Jim ficou tão feliz que me pegou nos braços. Abracei-o também, aliviado por ver meu companheiro de novo. Aquelas cenas de violência tinham realmente me impressionado. Contei o que ouvira de cima da árvore e Jim fez um comentário muito inteligente:

— O ódio destrói as pessoas, Huck.

Fiquei mais feliz ainda quando vi nossa balsa, praticamente **INTACTA**.

— Veja, Huck, foi um milagre, o navio não destruiu a balsa. Só perdemos nossas coisas.

RADIANTES e famintos, caminhamos pela margem do rio à procura de alguma coisa que nos alimentasse. Encontramos umas frutas bastante suculentas. Colocamos várias delas em um saco e saímos navegando, certos de que não havia lugar melhor no mundo do que a nossa querida balsa.

-  **RELVA**: vegetação rala e rasteira
-  **DAR O BOTE**: atacar
-  **INTACTA**: não tocada, sem avarias
-  **RADIANTES**: cheios de alegria



CAPÍTULO 6

Dois ou três dias se passaram tranquilamente. A única coisa que nos preocupava era que poderíamos ter passado por Cairo, sem perceber, na noite do nevoeiro.

Um dia, encontrei uma canoa abandonada e saí remando por um braço do rio Mississippi à procura de alimento e de alguma fazenda, onde poderia pedir informações sobre a cidade de Cairo. Foi quando me deparei com dois homens brancos correndo afobados na minha direção. Acreditando que queriam me pegar, remei para o meio do **RIBEIRÃO**. Um deles, então, se ajoelhou na margem e implorou:

— Ajude-nos, rapaz. Juro que não fizemos nada, mas estão atrás da gente com armas e cachorros. Somos uns injustiçados!

Decidi ajudá-los, pois pareciam realmente desesperados. Deixei que subissem na canoa e remei para o local onde a balsa estava escondida. Explicaram-nos que estavam vendendo um tipo de líquido para limpar os dentes na cidade vizinha. Era um produto muito bom, que limpava mesmo, mas o que eles não sabiam era que o tal líquido também tirava o esmalte dos dentes. Os moradores estavam furiosos e saíram atrás deles.

Um dos homens tinha 70 anos ou mais, o outro aparentava ter trinta. Almoçaram conosco e descansaram na relva. Depois, o mais moço começou a chorar. Jim e eu olhamos para ele assustados, enquanto o mais velho o consolava:

— Não fique assim, estamos somente passando por uma fase difícil. No futuro, tenho certeza de que nossa **LINHAGEM** será reconhecida. Quem sabe um dia poderemos até recompensar estes bons amigos, que nos recolheram e nos alimentaram?

— Linhagem? — perguntei.

— Sim — respondeu o mais velho. — Quem nos vê assim, **MALTRAPILHOS**, nem acredita, mas a verdade é que somos descendentes da realeza.

O mais novo chorou ainda mais alto.

— O avô do meu amigo aqui era filho do duque de Bridgewater, que o trouxe para essas terras em busca de ar puro e liberdade. Infelizmente, tanto seu avô quanto seu bisavô morreram cedo. Como seu pai, que também já faleceu, foi filho único, e ele, por sua vez, também não teve irmãos, ele é o próprio duque de Bridgewater.

Jim arregalou os olhos. O suposto duque enxugou as lágrimas e contou a história do velho:

— Já este senhor que vocês enxergam, apesar de ter sofrido as maiores atrocidades na vida, é o filho desaparecido de Luís XVI e Maria Antonieta. Vocês estão diante do Delfim Luís XVII, o triste e sofrido rei da França!

Os dois caíram num choro tão interminável, que Jim e eu tivemos pena deles. Perguntamos o que poderíamos fazer para consolá-los. Eles agradeceram a atenção e pediram apenas que nós os tratássemos como um duque e um rei merecem.

— E o que devemos fazer? — perguntou Jim.

— Quero ser chamado de Sua Alteza — respondeu o duque.

🔍 **RIBEIRÃO**: curso de água menor que um rio e maior que um riacho

🔍 **LINHAGEM**: condição social, estirpe

🔍 **MALTRAPILHOS**: pessoas que andam mal vestidas, esfarrapadas



— E eu de Vossa Majestade — disse o rei. — Além disso queremos ser servidos à mesa e consultados antes de qualquer decisão. Também precisam se curvar diante de nós antes de nos dirigirem a palavra.

Na verdade, não demorei muito para perceber que aqueles dois não passavam de bons impostores, mas resolvi ficar quieto. Se queriam receber o tratamento dispensado à família real, que fosse assim. Para que provocar confusão?

O duque e o rei nos fizeram várias perguntas. Expliquei que éramos sobreviventes de um naufrágio. Meus pais haviam morrido afogados e Jim pertencia à minha família. Como eu ainda era muito novo para ter dinheiro para comprar um escravo, tive medo de que pensassem que Jim fosse fugitivo e o capturassem.

Mais tarde, Jim me perguntou:

— Huck, você acha que encontraremos outros reis e duques pelo caminho?

— Acho que não.

— Que bom! Dois já bastam. Estão caindo de bêbados lá atrás.

CAPÍTULO 7

De fato, os dois dormiram a noite toda, embriagados, enquanto Jim e eu conduzimos a balsa por uma das maiores tempestades com relâmpagos que já enfrentamos. Era bonito ver o céu iluminado, mas as ondas nos deixaram encharcados. Eu não me importei, estava um calorão mesmo...

De manhã, apesar da **RESSACA**, o rei e o duque decidiram que queriam encenar uma peça. Seria *Romeu e Julieta*. O duque representaria Romeu, enquanto o rei vestiria roupas de mulher para interpretar Julieta. Passaram o dia ensaiando cenas tiradas de um livro trazido pelo duque.

No dia seguinte, paramos em uma pequena vila, já no Estado do Arkansas. O duque alugou o teatro de um circo que estava de passagem e espalhou cartazes pelas ruas, anunciando a peça.

Naquela noite, o rei e o duque encenaram *Romeu e Julieta*. Só doze pessoas foram assistir ao espetáculo. Riram o tempo todo e saíram antes de terminar, com exceção de um garoto, que dormiu num banco. O duque ficou furioso e desabafou:

— Estes ignorantes do Arkansas não entendem Shakespeare! Só querem saber de comédias grosseiras! Pois é o que terão.

Espalhou novos cartazes, dessa vez anunciando uma peça muito engraçada, com gargalhadas garantidas. A entrada, que antes custava 70 centavos, passou a custar 50, e embaixo estava escrito:

PROIBIDA A ENTRADA DE MULHERES E CRIANÇAS



RESSACA: indisposição de quem bebeu, depois de passar a bebedeira



À noite, a casa lotou. Não havia mais espaço para tantos homens. O rei entrou no palco, completamente nu, com o corpo inteiro pintado de listras coloridas. Ele dançou e chacoalhou, imitou cachorro e fez piruetas. O público rolou de tanto rir.

Quando o rei saiu, pediram que ele voltasse e repetisse o número, o que ele teve que fazer três vezes. No final da terceira vez, o duque foi para a frente do palco, agradeceu e disse que agora precisavam ir, pois a companhia deles os aguardava para levá-los a Londres. Quando já ia saindo por trás das cortinas, uma voz gritou:

— Espera aí, é só isso? Se é assim, fomos enganados!

Como um tumulto começava a se formar, o duque voltou e disse:

— Acalmem-se, esse foi só o início. Dentro de cinco minutos, daremos início ao segundo ato.

O público se acalmou e o duque foi para trás das cortinas. Percebendo tudo, sai de fininho da plateia e fui falar com os atores, que já estavam correndo em direção à balsa. Corri atrás deles e os alcancei. Encontramos Jim e nos pusemos a remar com força máxima, até ganharmos o meio do rio. Assim que descemos um pouco com a correnteza, o rei e o duque começaram a gargalhar, contando o dinheiro que ganharam: cem dólares!

Quando ficou sabendo da história, Jim me disse:

— Huck, acho que esses dois são impostores.

— Sabe, Jim, são como qualquer rei e qualquer duque — respondi. Henrique VIII, por exemplo, mandava cortar a cabeça de uma mulher a cada manhã. Além disso, era mentiroso e ladrão. Reis são reis, Jim, duques são duques. Precisamos ser tolerantes.

CAPÍTULO 8

Dois dias depois da **FRAUDE** do teatro, o duque e o rei voltaram a atacar. Como estávamos perto de um embarcadouro, local onde os grandes vapores param, os dois me convidaram para dar uma volta de navio. Fiquei animadíssimo! Escondemos a balsa numa ilhota bem no meio do rio. Era um lugar vazio, de mata fechada, onde Jim poderia ficar seguro. Saímos remando na nossa canoa até o embarcadouro.

Enquanto aguardávamos a chegada de algum navio, sentamos ao lado de um garoto levando duas malas. Como o rei e o duque haviam comprado roupas novas na vila onde encenaram a comédia fraudulenta, os dois estavam muito elegantes. Eu não sabia que a vestimenta mudava tanto uma pessoa, mas o rei estava realmente chique com seu novo terno preto.

O menino se aproximou dele e perguntou:

— O senhor, por acaso, não é Harvey Wilks?

— Não, meu caro, chamo-me Alexandre Blodgett.

— Que pena, pela descrição que me deram achei que o senhor poderia ser o irmão do falecido Peter Wilks e tivesse conseguido chegar a tempo para o enterro dele.

O rei perguntou mais coisas sobre a morte do tal homem.

 **FRAUDE:** ação praticada de má-fé



— Morreu ontem à noite — disse o garoto. — O enterro será amanhã ao meio-dia. O senhor Peter era muito rico, dizem que tinha uns quatro mil dólares em dinheiro, mais casas e terras. Não deixou testamento, apenas uma carta para seu irmão mais velho, Harvey Wilks, que cuida do caçula, William, em Sheffield, Inglaterra. William deve ter hoje uns 30 ou 35 anos e é surdo-mudo.

O duque e o rei se entreolharam e continuaram a escutar o garoto.

— Desde que o senhor Peter caiu doente, há um mês, mandou avisar os irmãos para que viessem à América cuidar de suas sobrinhas órfãs, Mary Jane, Susan e Joana, as três filhas de um quarto irmão, George, que perdeu a vida junto com a esposa no ano passado. Mary Jane é linda, tem 19 anos e cabelos de fogo. Susan tem 15 anos e Joana, 14. A menor tem **LÁBIO LEPORINO**, coitadinha. Harvey e William são os únicos herdeiros de Peter, por isso todos na cidade estão aguardando a chegada deles para saber o que será das três meninas e do dinheiro do falecido.

— E o que faz Harvey Wilks na Inglaterra? — perguntou o rei.

— É pastor protestante. Mora lá desde bem pequeno, quando os pais o mandaram estudar fora. Depois, quando os pais morreram, William foi para lá viver com o irmão. Ninguém por aqui os conhece, nem suas sobrinhas. Talvez não tenham recebido a carta do irmão doente, pois já era tempo de terem chegado.

O rei e o duque despediram-se do garoto, que subiu com suas malas no vapor que ia para New Orleans. Nós nem pisamos no navio, o que me deixou chateado. Eu já tinha entendido tudo; aqueles malandros iriam dar o golpe na família de Peter Wilks.

Combinaram os detalhes. O duque de Bridgewater passaria pelo irmão surdo-mudo, enquanto eu seria o criado deles. Pagamos um rapaz para nos levar de bote até o vilarejo onde o morto estava sendo velado, como se tivéssemos acabado de desembarcar de um vapor, e descemos em terra. Um pequeno grupo de pessoas veio nos receber.

— Poderiam me informar onde mora o senhor Peter Wilks? — perguntou o rei.

As pessoas se olharam, espantadas, até que um homem respondeu:

— Sinto muito, senhor, mas só posso indicar a casa onde ele morou até ontem à noite.

— Meu Deus! — exclamou o rei, debulhando-se em lágrimas. — Meu irmão morreu antes que eu pudesse vê-lo!

Em seguida, fez sinais com as mãos para o duque, que caiu no choro também. Mais pessoas se reuniram no local, falaram sobre os últimos momentos de Peter Wilks e consolaram os supostos irmãos, que choravam como se estivessem enfrentando o maior sofrimento de suas vidas. Era uma cena patética, daquelas que nos fazem ter vergonha do próprio ser humano.

A cidade toda parou para nos ver passar. Fomos direto para a casa de Peter Wilks. Mary Jane, a menina de cabelos vermelhos, recebeu-nos com lágrimas nos olhos. O rei e o duque abraçaram as meninas com tanta emoção que todos os amigos presentes choraram também. Diante do caixão de Peter, o rei parou e rezou em silêncio; depois fez, com entonação de pastor, um belo discurso sobre a vida e a morte.



LÁBIO LEPORINO: deformidade do lábio em que há, em geral, uma fenda na parte superior



Mary Jane entregou a carta do tio para o rei, que a leu na presença de todos:

*“Deixo, para minhas encantadoras sobrinhas, minha casa e mais três mil dólares em dinheiro. Para meus irmãos Harvey e William, meu valioso **CURTUME**, que se encontra em pleno funcionamento, casas e terras avaliadas em sete mil dólares, mais três mil dólares em dinheiro...”*

A carta também explicava um local no porão da casa onde se encontravam os seis mil dólares. O rei foi até lá buscá-los. Voltou com um saco cheio de moedas. Fez sinais ao duque, que imediatamente abraçou o rei, chorando, **ASSENTINDO** com a cabeça. O rei, então, disse:

— Como eu já imaginava, meu irmão William concorda comigo. Nosso querido Peter foi muito generoso conosco. Não podemos deixar de agradecer-lo imensamente por isso e por, em vida, ter cuidado com tanto carinho de nossas sobrinhas órfãs, filhas do nosso falecido e amado irmão George. Por isso, aqui estão os seis mil dólares. Entrego-os a Mary Jane. Não os dividiremos, queremos que o dinheiro fique todo com Mary, Susan e Joana.

As três meninas abraçaram o rei e o duque em prantos. Em seguida, o rei convidou os presentes para **CEAR** com eles e para o enterro do dia seguinte. Conversou com todos, comentando sobre fatos da vida de Peter que, segundo o rei, lhe foram relatados em cartas. Na verdade, ele havia descoberto muitas coisas através do barqueiro que nos levou à vila, nomes de amigos de Peter, fatos curiosos e dificuldades enfrentadas pela família Wilks.

Durante o jantar, o rei fez outro discurso emocionado, que acabou intrigando um dos convidados. O doutor Robinson, grande amigo da família, levantou-se e disse:

— Estou escutando o senhor desde que entrou por aquela porta e digo que este seu sotaque inglês não me engana. É a pior imitação que já ouvi.

Todos se admiraram com o comentário, tamanho era o envolvimento dos convidados com a emoção da chegada dos irmãos de Peter. O doutor continuou:

— Mary Jane, digo-lhe que estes que comem à mesa conosco são dois impostores. Fui amigo de Peter a vida toda. Não vou tolerar que suas sobrinhas sejam iludidas.

— Mas, doutor Robinson, tio Harvey sabe tudo a nosso respeito. Tio Peter escrevia para ele. Ele sabe até o nome do nosso cachorro. Como pode ser impostor?

— Vamos, Mary, você está muito abalada. Um homem que pretende se passar por inglês e fala desta maneira beira o ridículo. E aquela cena do dinheiro? Quase me fez rir. Espere mais um dia e os seis mil dólares estarão muito longe de você e suas irmãs. Peço que expulse esses dois enganadores imediatamente.

Mary Jane, com seus belos cabelos ruivos, levantou-se, olhou bem para o doutor Robinson e lhe disse:

— Pois aqui está a minha resposta ao seu pedido.

Dito isso, entregou o saco de moedas ao rei e falou:

— Tome, tio Harvey, use o dinheiro como achar melhor. Confio no senhor.

O médico retirou-se da casa, dizendo:

— Lavo minhas mãos. Um dia saberá que eu tinha razão, Mary Jane.



CURTUME: estabelecimento onde se curte couro



ASSENTINDO: concordando



CEAR: jantar



CAPÍTULO 9

Mais tarde, Joana, a menina de lábio partido, e eu fomos jantar na cozinha. Conversamos bastante e eu tive que me **SAFAR** de várias perguntas sobre a Inglaterra que ela me fez. Quando Mary Jane e Susan entraram para ver se eu estava me sentindo bem, percebi que aquelas três moças eram as pessoas mais encantadoras que eu já conhecera.

Subitamente, senti-me a pior das criaturas. Eu sabia que os dois **CRÁPULAS** iriam dar o golpe naqueles verdadeiros anjos de bondade, que tudo faziam para que o rei, o duque e eu nos sentíssemos à vontade. Pensei no que eu poderia fazer para salvá-las e resolvi que iria esconder o dinheiro. Percebendo que o dinheiro tinha sumido, o rei e o duque não teriam outra alternativa a não ser irem embora, antes que descobrissem suas verdadeiras identidades. Quando já estivéssemos longe, eu escreveria uma carta a Mary Jane indicando o local do esconderijo.

Subi, então, até o quarto onde o rei estava acomodado. Procurei o saco de moedas, mas não encontrei. Estava muito escuro lá dentro. Foi quando ouvi passos na escada e me escondi atrás da cortina. O rei e o duque entraram e, não tendo descoberto outro lugar mais seguro, esconderam o dinheiro dentro de um colchão de palha.

— Acho que, se os escravos vierem arrumar a cama, não ficarão revirando os colchões.



— Está bem — disse o duque. — Mas acho que deveríamos fugir esta noite mesmo. Aquele médico está de olho na gente.

— Ficou maluco, Bridgewater? Vamos vender as propriedades antes. Não me diga que está querendo dispensar sete mil dólares!

Os dois saíram e desceram as escadas. Fiquei mais triste ainda em pensar que os dois venderiam as propriedades de Peter Wilks. As pobres irmãs ficariam na miséria. Rapidamente, peguei o dinheiro e fui para o meu quatinho de criado, que também era bastante confortável.

Esperei a casa ficar em silêncio e desci as escadas. Antes escutei atrás da porta dos quartos e ouvi tanto o rei quanto o duque roncando. Lá embaixo, o caixão de Peter Wilks estava sendo velado por três senhoras de cabeça baixa. Aproximei-me delas com cuidado e notei que dormiam profundamente, sentadas nas cadeiras da sala. Olhei para os lados à procura de um bom esconderijo para o dinheiro, mas, de repente, escutei alguém descendo a escada. Não tive outra alternativa, coloquei o saco de moedas dentro do caixão, embaixo do pano que cobria o corpo, e saí pela porta dos fundos.

Era Mary Jane, que se sentou perto do tio morto e começou a chorar. Que pena senti daquela linda moça! Somente quando ela voltou para o quarto que dividia com as irmãs, pude subir as escadas e ir dormir. Sem querer, havia encontrado o melhor lugar para esconder o dinheiro. Era só escrever a carta para Mary Jane dizendo que ela deveria mandar desenterrar o morto para obter a fortuna de volta.

 **SAFAR:** escapar, escapulir, fugir
 **CRÁPULAS:** canalhas, calhordas



O dia seguinte foi de muitos sermões e preces, até o corpo ser enterrado. À tarde, o rei saiu pela vila fazendo visitas e explicando que logo teria que voltar à Inglaterra, afinal, a Congregação o aguardava. Pretendia levar as sobrinhas junto com ele, por isso iria fazer um leilão para vender tudo o que fosse dos Wilks antes de partirem.

Dois dias depois, as meninas sofreram o primeiro **BAQUE**. O rei, numa atitude impiedosa, vendeu a família de escravos, que trabalhava para elas desde quando as meninas nasceram, para um mercador de escravos. A mãe foi para New Orleans, enquanto os filhos foram mandados para Memphis, do lado oposto. Era de cortar o coração ver as crianças chorando pela separação da mãe. Até os moradores da vila julgaram terrível a falta de compaixão do suposto Harvey Wilks.

Quase contei tudo a Mary Jane, mas pensei que, assim que os dois malandros fossem desmascarados, o negócio realizado teria que ser desfeito, uma vez que o rei não tinha o direito de vender o que, na realidade, era do verdadeiro Harvey Wilks. “Em breve os negros estarão de volta”, pensei com força, para me sentir menos sufocado.

Na manhã seguinte, o dia em que deveriam leiloar a casa e os móveis, o rei e o duque vieram até o meu quarto perguntar se por acaso eu tinha estado nos aposentos do rei.

— Não, Majestade — respondi com tranquilidade.

— Por acaso não viu alguém entrar lá? — perguntou o rei.

— Só os negros.

— Os negros? Quando? — perguntou o duque, espantado.

— No dia do enterro. Dois deles entraram ao mesmo tempo e saíram pé ante pé.

Levei uma bronca por não ter avisado nada sobre os escravos, mas quando perguntei se tinham tido algum problema, o rei me mandou calar a boca. Estava realmente irritado. O duque resmungou, dizendo que aqueles negros eram verdadeiros atores.

— E pensar que eu ainda tive pena deles — disse.

Os dois acharam melhor ficar calados e foram arranjar os preparativos para o leilão. Eu saí do quarto e, quando me aproximei da escada, escutei um choro de mulher. Fui até o quarto das irmãs e vi Mary Jane chorando. Aproximei-me e disse:

— O que ouve, Srta. Mary?

— Os escravos. Não posso viajar para a Inglaterra sem parar de pensar que nunca mais a mãe verá os filhos.

Não aguentei. Sentei-me na cama, ao lado dela, e contei tudo, desde quando conhecemos o menino no embarcadouro. Mary Jane, em princípio, achou estranho, mas depois acreditou em mim. Quis sair correndo atrás dos patifes, mas convenci-a a confiar no meu plano.

Pedi que fosse para a casa de alguma família amiga do outro lado do rio e ficasse lá até umas dez da noite. Ela não poderia passar o dia na vila, pois seu belo rosto inocente não conseguiria disfarçar a raiva dos dois tios impostores. Se voltasse antes das onze, deveria colocar uma luz na janela e esperar. Se eu não aparecesse até as onze, poderia espalhar a notícia para todos da cidade. Caso eu não conseguisse me desvencilhar dos malandros, ela também poderia espalhar a notícia, mas eu pedi que, nesse caso, ela me defendesse com todas as forças, pois eu temia alguma maldade por parte do rei ou do duque.



BAQUE: abalo



A doce Mary Jane, depois de me agradecer de coração, seguiu meus conselhos e foi para a casa dos Lothrop, do outro lado do rio. Avisei Susan e Joana que a irmã tinha ido se despedir de alguns amigos da família, antes de irem para a Inglaterra. Era seu dever de irmã mais velha. As duas aceitaram perfeitamente a desculpa e eu fiquei orgulhoso de mim mesmo. Ah, se Tom Sawyer estivesse aqui para me ver...

O leilão correu bem e os patifes passaram o dia todo arrematando até as últimas peças de Peter Wilks. Enquanto o rei tentava conseguir uma oferta para a última coisa que restava, um pequeno lote no cemitério, ouviu-se uma grande algazarra vindo em direção à praça.

— Um navio atracou! — alguém berrou. — Chegaram mais dois herdeiros de Peter Wilks!

À frente da multidão vinham dois homens, um senhor e outro mais moço. O mais velho cumprimentou o rei e o duque. Assim que começou a falar, percebi que aquele sim tinha sotaque inglês. Logo iniciou-se uma discussão no meio da praça, pois os homens afirmavam ser Harvey e William Wilks, os verdadeiros herdeiros de Peter.

— Mostrem os documentos — sugeriu o doutor Robinson, que acompanhava tudo.

— Não podemos — disse o recém-chegado. — Nossa bagagem foi extra-
viada e só deve estar aqui dentro de dois dias.

Foi quando alguém fez uma pergunta para os dois senhores, já que os mais moços eram supostamente surdos-mudos:

— Qual é a tatuagem que Peter Wilks levava no peito?

A multidão se tumultuou e eu pensei que agora o rei estava perdido. Mas qual não foi minha surpresa quando ele respondeu:

— Uma flecha bem pequena, de cor azulada.

— Não senhor — disse o inglês. — Ele tinha suas iniciais gravadas no peito, as letras “P. W.”.

A pergunta acabou sendo um tiro que saiu pela **CULATRA**, pois ninguém na vila, nem mesmo o médico, era capaz de dizer qual era a tatuagem do velho Peter.

— Vamos ao cemitério! — gritou alguém. — Levem os quatro homens e mais o garoto — disse, apontando para mim.

Saí puxado por um grandalhão que praticamente me arrastava atrás dele, de tão rápido que andava. “Ai, meu Deus”, eu pensava, “não vou conseguir me livrar do rei e do duque; ainda por cima vou ser linchado quando virem que a tatuagem não é uma flecha”.

A noite caiu, já devia ser mais de oito horas. O céu começou a relampejar. Debaixo de um aguaceiro que deixou tudo enlameado e encharcado, o corpo de Peter Wilks foi desenterrado, sob os olhos assustados do rei, do duque e dos ingleses que chegaram. De repente, alguém berrou:

— Uma sacola de dinheiro!

O espanto de todos foi tão grande quando tiraram seis mil dólares do caixão, que o brutamontes que me prendia soltou minha mão para se debruçar sobre a cova. Aproveitei a deixa. Corri em disparada para o porto, desamarrei uma canoa e remei com ânimo até a ilha onde Jim estava escondido. Do meio do rio vi uma luz brilhando



CULATRA: o fundo do cano de arma de fogo; a expressão “um tiro que saiu pela culatra” indica que a bala acabou matando a própria pessoa que atirava. No caso, a pessoa que propôs a pergunta da tatuagem acabou causando outro problema, pois ela mesma não sabia onde Peter tinha uma tatuagem



no quarto de Mary Jane. Nunca me esquecerei daquela moça, a mais linda que já vi. Agora estava tudo bem, eu conseguira escapar dos velhacos e ela poderia revelar toda a verdade sem que eu corresse perigo.

Jim queria me abraçar, mas eu disse que aquela não era uma boa hora. Precisávamos fugir dali. Em pouco tempo, que alívio!, a correnteza nos levava tranquilamente pelas águas escuras da noite. Mas, quando eu ia começar a contar todas as peripécias para Jim, uma canoa bateu na nossa balsa. Eram o rei e o duque. Quase chorei quando os vi.

O rei me pegou pelo pescoço, acusando-me de tê-los deixado para trás. O duque acalmou-o, dizendo que eles também, quando fugiram, nem pensaram em me procurar. Fiquei apavorado, com medo de que eles descobrissem que eu havia escondido o dinheiro, mas os dois logo começaram a discutir. Um acusava o outro de ter colocado as moedas no caixão para mais tarde desenterrá-las e ficar com toda a fortuna.

Depois de vários gritos e muito rum, o duque, vencido pelo cansaço, acabou confessando que fora ele. O rei deu-se por satisfeito. Abraçou-o, perdoou-o, e os dois foram dormir, inchados de tanta bebida. Foi só então que eu tive a oportunidade de contar tudo o que realmente se passara para Jim.

CAPÍTULO 10

Passamos vários dias sem poder **ATRACAR**, pois as notícias do golpe nas irmãs Wilks poderiam ter corrido. Porém, cerca de uma semana depois, o rei e o duque realmente se superaram. Paramos numa outra cidade e, como de costume, escondemos a balsa. O rei foi até a vila verificar se as pessoas por ali sabiam alguma coisa sobre os ingleses mentirosos e pediu que o duque e eu fôssemos encontrá-lo ao meio-dia.

No horário combinado, saímos para procurar o rei, que estava completamente bêbado em uma **TABERNA**. Ele e o duque começaram a discutir e eu aproveitei para fugir. Corri em disparada. Aproximei-me da balsa, gritando:

— Vamos, Jim! Desamarre a balsa, vamos finalmente nos livrar daqueles malucos!

Mas qual não foi minha surpresa quando encontrei a balsa sozinha. Chamei o nome de Jim sem parar, procurei por ele e nada. Por fim, comecei a chorar. Resolvi voltar até a cidade e a primeira pessoa que encontrei foi o duque. Logo percebi, pela cara do malandro, que havia armação dele e do rei no ar. Sem pensar em formalidades e tratamentos reais, perguntei:

— Onde está o meu negro?

— Como assim, não está na balsa? — respondeu o duque.

— Você sabe que não. O que fizeram com ele? — perguntei, não conseguindo conter o choro.



ATRACAR: amarrar uma embarcação à terra



TABERNA: casa onde se vende vinho



O duque confessou que o calhorda do rei tinha vendido Jim por quarenta dólares à família de Silas Phelps, um fazendeiro que morava a uns dois quilômetros dali.

Xinguei os calhordas até não poder mais, depois fui chorar mais um pouco na balsa. Ainda por cima, o duque disse que eles iriam encenar a peça do rei pelado mais uma vez, pois já tinham gastado todo o dinheiro da venda de Jim em bebida. Eu deveria ficar calado ou eles acabariam comigo.

Na beira do rio, pensei que talvez fosse melhor Jim voltar para a Srta. Watson, afinal, eu não tinha o direito de levá-lo rio abaixo. Ele não era propriedade minha. Comecei a me sentir culpado, um verdadeiro pecador que, segundo a viúva, iria arder no fogo do inferno. Escrevi, então, uma carta à Srta. Watson, indicando que Jim estava na fazenda dos Phelps.

Logo depois, lembrei de todos os momentos que Jim e eu havíamos passado juntos. Lembrei das risadas, dos abraços carinhosos, das noites em claro navegando, da felicidade que ele sentiu quando apareci depois da neblina, do encontro na ilha Jackson e da alegria que eu sentia quando estava perto dele. Aquilo tudo me pareceu tão forte, que, com as mãos tremendo, rasguei o bilhete para a Srta. Watson e pensei:

— Dane-se, vou para o inferno! Vou libertar Jim!

Escondi muito bem a balsa e a canoa que eu havia conseguido na fuga da vila dos Wilks. Depois, pedi informações sobre o caminho da fazenda de Silas Phelps a um menino e saí em busca do meu amigo Jim.

A propriedade tinha plantação de algodão e estava aparentemente vazia. Cheguei perto da porta da cozinha e bati palmas. Uns quinze cachorros apareceram latindo, mas foram logo afastados por uma negra de colher de pau na mão. Logo atrás apareceu a dona da casa. Eu não sabia o que dizer, que desculpa dar para estar ali, mas, como sempre, fui ajudado por alguma força divina. A mulher foi logo me abraçando e me beijando.

— Finalmente, já estamos preocupados! Que bom que você chegou — disse. — O que houve, o vapor quebrou, enalhou?

— Quebrou — respondi.

— Eu já imaginava. Venham crianças, venham conhecer seu primo Tom que chegou de viagem. Meu Deus, finalmente estou conhecendo meu sobrinho.

Umãs crianças apareceram e foram logo segurar na perna da mãe. A senhora continuou a falar, sem deixar de me olhar e me **AFAGAR**:

— Mas me diga, o que houve com o navio?

— Uma caldeira explodiu, senhora.

— Não me chame de senhora, diga apenas tia Sally. E alguém se machucou?

Eu ia responder quando ela me deu um susto. Puxou-me para dentro da casa dizendo:

— Seu tio está vindo pela estrada. Vamos pregar uma peça nele.

Assim que Silas Phelps entrou em casa, a senhora perguntou:

— Onde está ele?

— Não apareceu, Sally. O que terá ocorrido? Sua irmã nos escreveu dizendo que ele deveria ter chegado há três dias.

 **AFAGAR:** fazer afagos ou carícias, acariciar



Neste momento, Sally Phelps me chamou.

— Quem é este menino? — perguntou o senhor Phelps.

— Adivinhe — disse a senhora, com o rosto cheio de felicidade.

— Não acredito, é ele, Tom Sawyer em carne e osso!

Quase caí para trás. A ajuda divina dessa vez tinha caído como uma luva. Eu sabia quem eu era e não passaria nenhum aperto. Quando me perguntaram sobre os parentes de Saint Petersburg, fiquei mais de duas horas contando novidades sobre Mary, Sid e toda a minha família, digo, a família de Tom Sawyer.

No dia seguinte, escutei o apito de um vapor. “E se o verdadeiro Tom Sawyer estiver chegando?”, pensei. Como eu havia inventado que minhas coisas estavam escondidas perto da cidade, pois, no dia anterior, eu estava muito cansado da viagem e não queria carregar peso, disse para tia Sally que eu iria buscá-las. Assim poderia esperar por Tom na estrada e contar com a ajuda dele. Tio Silas se ofereceu para me levar, mas recusei a ajuda e disse que gostaria de cavalgar sozinho.

No caminho para a vila, dito e feito, Tom Sawyer vinha num **TROLE** conduzido por um cocheiro. Quando me viu, apavorou-se, com medo de que eu fosse uma assombração ou alma do outro mundo. Desci do cavalo e mostrei que eu estava lá, em carne e osso. Só então Tom veio me dar um abraço. Ele queria saber tudo sobre o meu suposto assassinato, mas eu disse que lhe contaria tudo depois, com mais detalhes. Tinha certeza de que ele se orgulharia de mim.

— Agora estou numa enrascada, Tom — disse eu, chamando-o para o canto.

Expliquei toda a situação, inclusive contei que eu pretendia raptar e libertar Jim.

— Jim está aqui??? — espantou-se ele. — O escravo da Srta. Watson?

— Sei que vai me chamar de abolicionista, Tom, mas estou decidido a roubá-lo de seus tios. Se Deus me mandar para o inferno, tudo bem.

Tom pensou um pouco e, por fim, disse:

— Está bem, Huck, vou ajudá-lo a raptar Jim!

Eu mal acreditava no que estava ouvindo. Rapidamente, Tom fez planos. Como ele tinha duas malas, entregou-me uma delas, para que eu fingisse que era minha. Em seguida, fomos até a fazenda.

— Veja, tia Sally! — gritei, todo animado, assim que cheguei. — Veja quem eu encontrei no caminho, meu irmão, Sid Sawyer.

A senhora não cabia em si de tanta felicidade. Beijou Tom com carinho, perguntando por que ninguém a avisou de que ele também viria. Tom, sem o menor **CONSTRANGIMENTO**, respondeu:

— Chorei tanto quando Tom viajou, pedi tanto para tia Polly, que ela acabou me deixando embarcar no navio para cá três dias depois.

Os Phelps eram realmente ingênuos, mas eram pessoas muito boas, pois receberam Sid, na verdade, Tom, de braços abertos. Deram-nos bastante comida gostosa, sucos e doces.

Assim que a casa ficou silenciosa, Tom e eu pulamos a janela e caminhamos até a cidade. Conversamos bastante no caminho. Contei todas as minhas aventuras

 **TROLE:** carruagem rústica que se usava nas fazendas e nas cidades do interior antes do aparecimento do automóvel

 **CONSTRANGIMENTO:** timidez, embaraço



e os apuros que Jim e eu passamos nas mãos do rei e do duque. Tom ficou admirado por eu ter forjado minha morte. Contou que meu pai estava desaparecido e que todos comentavam sobre a fuga do escravo da Srta. Watson.

Assim que chegamos à vila, vimos o rei e o duque sendo carregados por uma multidão furiosa, que certamente iria linchá-los. Perguntei o que havia acontecido para um senhor que passava.

— Os palhaços enganaram a cidade toda com uma peça de teatro de cinco minutos. Depois, ainda por cima, o mais velho tirou a roupa e mostrou o bumbum para a plateia. Imaginem, pagar cinquenta centavos para ver bumbum de homem... — ele respondeu.

Tom deu risada, mas eu, sabendo do que se tratava, fiquei com certa pena dos dois malandros. Vendo-os naquela situação, sendo carregados por um mar de gente revoltada, pensei como os homens podem ser capazes de tanta crueldade com os seus semelhantes.

CAPÍTULO 11

Tom e eu planejamos minuciosamente os planos para o rapto de Jim. Ouvimos as crianças, filhos de tia Sally e tio Silas, falarem que o escravo fujão estava preso em um **CASEBRE** atrás da casa grande.

O primeiro passo foi ficarmos amigos do escravo que levava comida para Jim. Ele acabou nos contando que um negro fugitivo estava preso naquele casebre. O senhor Phelps pretendia devolvê-lo ao dono. Pregamos então algumas peças no homem, fingimos ser assombrações que rondavam a cabana de Jim. Ele se apavorou, dizendo que o escravo preso devia ter bruxas dentro do corpo. Tom disse que não tinha o menor medo de bruxas e se ofereceu para entregar comida a Jim durante a noite, o horário em que as bruxas costumavam sair. O pobre homem agradeceu, pedindo que Tom não contasse nada ao tio Silas.

Assim que conseguimos entrar no casebre, Jim correu para nos abraçar. Explicamos que iríamos tentar tirá-lo dali, mas ele precisava fingir que não nos conhecia, pois não podíamos despertar suspeitas.

— O menino Tom vai libertar o escravo Jim, um negro? — perguntou, desconfiado.

Tom se ofendeu, disse que sabia o que estava fazendo, que tinha um pacto comigo e não pretendia voltar atrás. Fiquei mais calmo ouvindo isso, pois ainda custava a acreditar que Tom fosse capaz de ir contra tudo o que lhe ensinaram. Ele, um garoto culto, educado, de boa família, estava prestes a cometer um crime. Acho que Jim também se contentou com a explicação de que Tom iria me ajudar em nome de nossa amizade e ficou satisfeito.

Despedimo-nos de Jim, e fomos conversar sobre as estratégias para raptá-lo. Eu sugeri que tentássemos passar Jim pela janela, que me parecia bastante grande, mas fui logo repreendido:



— Lá vem você querendo facilitar tudo, Huck — disse Tom. — Vamos cavar um buraco, um pequeno túnel para fora da casa, por onde o prisioneiro irá escapar.

— Vai demorar muito — respondi.

— Não importa, temos tempo, o que interessa é que Jim tenha uma fuga decente.

— Vamos então buscar as enxadas e picaretas que o tio Silas guarda na sua oficina — sugeri.

— Huck, você está louco? Onde já se viu um prisioneiro cavar um túnel com enxadas e picaretas? Um verdadeiro prisioneiro passa por dificuldades, usa colheres, pedaços de pau, no máximo facas.

— Tom, assim levaríamos anos para cavar uma passagem.

— Agora vejo que está entendendo. Sabe quanto tempo um preso do Castelo de Marselha demorou para cavar um buraco e fugir? Trinta e sete anos.

— Mas Tom, não podemos demorar tanto. Jim já não é moço, não sei se viverá trinta e sete anos.

— Huck, tente ser mais esperto. Vamos cavar o buraco o mais rápido possível, mas vamos fingir que o trabalho levará cinquenta anos. Está bem assim? Vamos fingir!

Duas noites mais tarde, conseguimos chegar até o pé da cama de Jim. Cavamos com pás, mas fingimos que estávamos usando facas. Ele olhou para nós dois **ATÔNITO**, sem entender como havíamos conseguido entrar ali. Disse que estava pronto para fugir conosco, mas Tom explicou que ainda não era a hora.

— Calma, Jim, ainda são necessários alguns detalhes, pois a vida de um prisioneiro não é fácil. É preciso cumprir todas as regras — disse Tom.

— Que regras? — Jim quis saber.

— Por exemplo, vamos trazer uma cobra para dentro da cabana. Todo prisioneiro precisa de um ser vivo para lhe fazer companhia e testemunhar sua dor.

Jim protestou:

— Pelo amor de Deus, tenho pavor de cobras. Juro que se trouxerem uma cobra aqui para dentro, eu abandono a prisão.

— Jim, você não está cooperando! — disse Tom. — Todo encarcerado precisa desempenhar seu papel. Você não pode ser diferente.

Jim desculpou-se, envergonhado, mas disse que não iria aceitar uma cobra de jeito nenhum. Tom sentou-se na cama, pensou bastante e, por fim, disse irritado:

— Está bem, vou trazer-lhe um vaso de flor para você cuidar. Acho que uma planta é um ser vivo também. Mas escute bem, Jim, você só pode regá-la com lágrimas.

— Mas...

— O que foi dessa vez, Jim?

— Eu nunca choro, menino Tom. E tem bastante água aqui, trazem todo dia.

— Não quero saber, Jim, a planta tem que ser regada com lágrimas! Vou mandar uns dentes de alho e umas cebolas para você esfregar nos olhos.

Jim abaixou a cabeça. Tom e eu fomos dormir.

 **ATÔNITO:** muito espantado e quase sem ação



CAPÍTULO 12

Sem dúvida, Tom entendia muito sobre a vida de pessoas mantidas em prisões, mas Jim e eu já estávamos cansados de seguir as regras. Foi quando eu, saindo do quarto de manhã, escutei o tio Silas conversando com a tia Sally.

— Sally, comprei o escravo fugitivo por quarenta dólares, mas ainda não consegui entrar em contato com o dono dele. Já escrevi várias cartas para a fazenda de onde ele veio, em New Orleans, mas não tive resposta.

— Será que ele é mesmo de lá, Silas?

— Bom, aquele homem que o vendeu era realmente estranho, não sei se podemos confiar nele. Mas tive uma ideia, vou anunciar o escravo nos jornais de New Orleans e Saint Louis. Quem sabe o dono aparece e nos paga uma recompensa?

— Boa ideia, Silas. Porém, se ninguém aparecer, vamos mantê-lo aqui, como nosso escravo. Tenho ido lá na cabana todos os dias rezar com o negro. Ele me parece boa pessoa.

Aquela conversa me arrepiou. Eu sabia que o rei havia dado um endereço **FICTÍCIO** para tio Silas. Ninguém sabia que Jim pertencia à Srta. Watson, em Saint Petersburg, mas assim que o anúncio sobre um escravo fujão aparecesse nos jornais, as notícias correriam como flecha e Jim teria que esquecer sua liberdade.

Resolvemos agilizar a fuga. Mas, para variar, as coisas não podiam ser simples. Tom disse que precisava mandar cartas anônimas para tio Silas, avisando sobre o rapto do escravo.

— Tom, mas assim vão querer nos pegar, vão nos prender, matar, sei lá...

— Não se formos mais espertos. Não tem graça uma fuga sem emoção, Huck. Não existe fuga sem dificuldades, ponha isso na sua cabeça.

Como não adiantava argumentar, acabei concordando. Tom então escreveu uma carta e eu fui escolhido para colocá-la embaixo da porta do quarto do tio Silas. Dizia o seguinte:

“Tome muito cuidado! Uma quadrilha de bandidos planeja raptar o escravo fugitivo que se encontra na cabana atrás da casa. A ação ocorrerá amanhã à meia-noite. Todo cuidado é pouco! Um amigo desconhecido”.

Aquela carta realmente mexeu com os nervos dos Phelps. À noite, tio Silas reuniu um grupo de homens armados na sala, enquanto tia Sally chorava de nervoso. Ela nos mandou para o quarto logo depois das dez horas, mas Tom e eu demos um jeito de sair pela janela e nos enfiar na cabana de Jim pelo buraco que cavamos na parte de trás.

— É agora, Jim, vamos fugir! — avisei.

Saímos sem fazer barulho pelo pequeno túnel. Andamos pé ante pé na escuridão e nos dirigimos ao mato fechado, por onde deveríamos correr até a beira do rio e pegar a balsa. Quando chegamos na cerca de arame farpado que rodeava a fazenda, Tom deu um longo e alto assobio. Foi o bastante para ouvirmos todos os homens reunidos por tio Silas correndo atrás de nós.

— Corram!!!! — gritou Tom.



FICTÍCIO: falso, imaginário



Escutamos três tiros de espingarda e fugimos em direção ao rio. Nunca corri tão rápido. Os homens vinham muito próximos e os latidos de cachorros, que também estavam no nosso **ENCALÇO**, nos deixavam agoniados. Por muito pouco, conseguimos pegar a balsa e remar para o meio do rio. De longe, ainda ouvíamos os cachorros. Tom não se continha de felicidade, dizia que nunca vivera uma aventura tão emocionante. Jim já ia comemorar a liberdade, quando levou um susto:

— Menino Tom!!! Tem sangue na sua perna!

Tom já sabia que havia levado um tiro e, por isso mesmo, estava felicíssimo. Pediu que Jim lhe passasse um pano para ele amarrar na perna e estancar o sangue. Eu, rapidamente, levei a balsa para uma ilhota e disse que precisávamos chamar um médico. Tom foi contra, mas Jim e eu dissemos que só seguiríamos viagem se ele fosse examinado antes.

— Está bem — rendeu-se Tom. — Já vi que vocês dois não vão mudar de ideia. Mas escute bem, Huckleberry, você tem que continuar seguindo as regras. Traga o médico de olhos vendados, dê várias voltas com a canoa na ilha para confundir-lo e não esqueça de revistá-lo antes de embarcar, certo?

Fui obrigado a aceitar as condições impostas por Tom e saí remando, enquanto Tom deitava-se na tenda da balsa e Jim se escondia no mato. Cheguei na casa do médico da cidade e disse-lhe que meu irmão e eu estávamos acampando numa ilha próxima quando, por acidente, a espingarda disparou e atingiu a perna de Sid. O doutor queria avisar nossos pais, mas eu disse que não havia tempo.

Subimos os dois na canoa, mas o médico era um homem pesado e quase caímos na água. Não tive outra alternativa senão indicar-lhe o local onde a balsa se encontrava e esperar ansioso na margem do rio.

Como ele estava demorando muito, acabei dormindo e acordei quando o sol já estava alto. Corri até a casa do médico, mas ele ainda não havia retornado. Preocupado, pois aquela demora talvez fosse sinal de que Tom não estava bem, resolvi voltar para a beira do rio, mas dei de cara com tio Silas no meio da rua.

— Onde vocês se meteram, garotos? Sua tia está morta de preocupação — ele falou.

— Tio Silas! Fomos atrás do escravo fujão, como o senhor e os outros fazendeiros. Acabamos dormindo por aqui, pois nos perdemos do grupo e estava muito escuro.

— Vocês não deveriam ter saído do quarto. Isso não é coisa para garotos. Agora, onde está Sid?

— Foi até o correio ver se conseguia alguma notícia sobre o escravo.

Fomos até a agência, mas, obviamente, Sid não estava lá. Tio Silas me levou para casa, dizendo que estava cansado, Sid que voltasse a pé.

— Deixe-me ficar e procurá-lo, tio — pedi.

— Não, sua tia já está muito nervosa. Vamos.

Tia Sally, quando me viu, chorou e riu ao mesmo tempo, encheu-me de beijos e acabou perdendo a mim e a Sid por termos fugido atrás dos homens que perseguem o escravo. Disse que todo menino apronta **TRAQUINAGENS** e conosco não seria diferente. O dia se passou e nada de Sid aparecer. À noite, tia Sally foi me colocar na cama e pediu:

 **ENCALÇO**: pista, rastro

 **TRAQUINAGENS**: travessuras



— Por favor, Tom, seja bonzinho esta noite e não fuja. Eu não aguentaria ficar sem você e seu irmão. Seu tio já foi duas vezes até a cidade e não encontrou Sid. Tenho medo de que ele esteja em apuros, sentindo alguma dor. Não quero que nada aconteça com os meus sobrinhos queridos.

Só Deus sabe o quanto eu estava louco para pular a janela e achar um jeito de remar até a ilha onde Tom e Jim estavam, mas aquelas palavras partiram meu coração.

No dia seguinte de manhã, ouvimos um burburinho do lado de fora da casa e corremos para ver o que era. Tom vinha carregado numa maca, ao lado do médico e de Jim, que estava com os braços amarrados para trás. Uma multidão vinha junto, xingando Jim de todos os nomes feios que já ouvi. Uns queriam linchá-lo, outros, enforcá-lo. Decidiram prendê-lo na cabana novamente, desta vez acorrentado, até que seu dono aparecesse.

Tia Sally chorava sem parar. Levou Tom para o quarto e cuidou dele dia e noite. Morri de pena de Jim, mas fiquei contente quando o doutor disse que o escravo fugitivo deveria ser bem tratado, pois, sem a sua ajuda, ele nunca teria conseguido extrair a bala da perna de Tom.

— Sério — disse o médico. — O garoto estava delirando e eu não conseguia estancar o sangue do ferimento. Quando pedi alto a Deus que me mandasse uma ajuda, uma maneira de salvar o menino, o escravo saiu de trás do mato e se prontificou a me ajudar. No dia seguinte, disse que iria me acompanhar até a cidade, mesmo que tivesse que ser preso de novo. Não queria abandonar o garoto. Ele é um bom homem.

Tio Silas **ACATOU** a sugestão do médico e tia Sally disse que Jim sempre tinha sido uma boa pessoa. A multidão enfurecida se foi e os ânimos se acalmaram. Tom passou dois dias inconsciente, dormindo bastante e, no terceiro dia, acordou devagar. Abriu os olhos e, vendo tia Sally e eu no quarto, perguntou:

— Onde estou, em casa? Cadê a balsa?

— Está segura — respondi.


— Balsa? Que balsa? — perguntou tia Sally.

— Como, Tom, não contou tudo para ela? Fomos nós, tia Sally, que raptamos Jim. Tivemos um trabalhão — disse Tom, entusiasmado.

Tia Sally não podia acreditar. Chamou tio Silas, que, ao ouvir a história em detalhes, quase desmaiou. Nisso, alguém bateu na porta do quarto e, qual não foi minha enorme surpresa, quando vi tia Polly em carne e osso. Ela havia recebido uma carta de tia Sally avisando que Tom e Sid tinham chegado bem. Sabendo que Tom, o sobrinho que ela havia criado desde pequeno, devia ter aprontado, pois seu irmão Sid não saía de Saint Petersburg, ela resolveu descer mais de mil quilômetros pelo rio para ver o que tinha acontecido.

— Meu Deus! — exclamou tia Sally, depois de descobrir que aquele que se encontrava na cama não era Sid Sawyer.

As duas irmãs se abraçaram emocionadas, pois estavam há muito tempo sem se ver. Eu aproveitei para me esconder atrás da cortina. De repente, tia Sally se lembrou de mim e saiu a me procurar pelo quarto. Quando me achou, todo encolhido perto da janela, perguntou para a irmã:

 **ACATOU:** obedeceu, respeitou



- Mas, se este aqui não é Tom, quem é afinal?
- É Huckleberry, amigo de Tom.
- Desculpe-me, Sra. Phelps — disse eu.
- Pode me chamar de tia Sally — respondeu a senhora, emocionada. —

Já me acostumei.

Tom, então, sentou na cama e perguntou:

— E Jim, Huck? Já está descendo o rio, feliz da vida, pelo que imagino.

— Que nada, Tom, ele está preso na cabana.

— Pois vá soltá-lo imediatamente! Jim é um homem livre, ninguém tem o direito de mantê-lo preso.

Fiquei parado, sem saber o que pensar. Tia Polly explicou que a Srta. Watson tinha morrido há dois meses e, em seu testamento, deixara uma carta de **ALFORRIA** para Jim. Finalmente, meu amigo era um homem livre e eu pude entender por que Tom estava tão empenhado em libertar um negro, sem o mínimo de dor na consciência.

Levamos uma baita bronca de tia Polly por tudo o que fizemos, mas, assim que pude, corri para a cabana e dei a notícia para Jim. Tio Silas o soltou, tia Sally vestiu-o com roupas novas e alimentou-o com comida quentinha. Tom deu a Jim quarenta dólares como pagamento por ser um ótimo prisioneiro. Ele mal conseguia se conter de alegria.

— Eu não disse, Huck, que seria rico? Agora sou livre e tenho dinheiro! — comemorava.

Tom propôs que ele e eu continuássemos nossa vida de aventuras e fôssemos passar um tempo na terra dos índios, mas eu disse que tinha medo.

— Meu pai vai me achar e me bater de novo. Vai querer pegar o dinheiro do juiz Thatcher.

— Não se preocupe, Huck — disse Jim. — Seu pai não volta mais.

— Como você sabe?

— Não importa, ele não volta.

Depois de insistir muito, Jim acabou confessando que no dia em que encontramos um homem morto dentro de uma casa abandonada descendo o rio, era meu pai que estava lá, por isso ele não queria que eu olhasse o rosto do morto. Tia Polly também me deu uma ótima notícia, dizendo que o juiz ia me devolver todo o dinheiro que havia comprado de mim por apenas um dólar. Tom melhorou rápido e passou a andar com a bala extraída da perna pendurada num cordão em volta do pescoço.

Bom, acho que já posso terminar a história. Vocês não imaginam como é difícil escrever um livro. Gostei, mas, se soubesse que daria tanto trabalho, não sei se teria me metido a ser escritor.

Agora acho que devo correr para o território dos índios o mais rápido que eu puder, pois tia Sally está pensando em me adotar. Essa história de aprender boas maneiras, ser civilizado e educado eu já conheço bem...

 **ALFORRIA**: liberdade concedida ao escravo



FICHA DE LEITURA

- 1) Desde o início do livro, Huck demonstra que tem opiniões bem formadas sobre a vida. Que passagens de suas conversas com a Srta. Watson mostram as ideias de Huck sobre religião?
- 2) O que Huck acha de viver em uma casa, frequentar a escola, comer na hora certa, rezar e estudar? Por que você acha que ele é assim?
- 3) Por que Huck tem medo do pai? Você conhece alguém cujo pai ou mãe passa pelos mesmos problemas do pai de Huck?
- 4) Huck e Jim são bastante supersticiosos. Selecione algumas passagens do livro que demonstram as crenças dos dois personagens. O que você acha que a superstição mostra em relação à personalidade deles?
- 5) A fuga de Huck da cabana do pai foi digna de um filme de Hollywood. O que você acha de um menino de 13 ou 14 anos que é capaz de arquitetar um plano tão minucioso, considerando que ele não teve acesso a livros, como Tom Sawyer?
- 6) Quando Huck encontra Jim, ele nem pensa em entregá-lo de volta à Srta. Watson. Somente mais tarde, ele começa a se sentir mal por ajudar um escravo a fugir. Por que você acha que isso aconteceu? Que papel Jim representava para ele naquele momento em que ambos estavam sozinhos na ilha Jackson? Que papel ele passou a desempenhar durante toda a viagem?
- 7) Quando Jim vê o pai de Huck morto dentro da casa abandonada, ele cobre o rosto do morto e pede para Huck não olhar. Por que ele fez isso? O que essa atitude mostra sobre a personalidade de Jim?
- 8) Quais passagens do livro ilustram o companheirismo entre Jim e Huck?
- 9) Quando Huck presencia o assassinato de três irmãos na beira do rio, ele escuta a conversa dos três pouco antes de serem mortos. Qual foi o motivo da briga entre a família Grangerford e a família Shepherdson? Existe, na literatura inglesa, alguma história parecida?
- 10) O menino mais moço, Buck, estava carregando uma arma e vestia uma camisa com a bandeira dos Estados Unidos. Considerando que Mark Twain era americano, que tipo de crítica você acha que ele quis fazer à sociedade americana?
- 11) O rei e o duque são grandes falsários. O que os golpes que eles aplicam mostram sobre a sociedade americana da época?
- 12) O que Huck sente por Mary Jane? O que seus sentimentos demonstram sobre as características de um menino que está se tornando adolescente?



- 13) O momento em que Huck rasga a carta que escreveu para a Srta. Watson marca uma importante passagem no livro. O que o fato de Huck ter decidido rapatar Jim revela sobre o crescimento da personalidade e do caráter de Huck?
- 14) Huck e Tom se separam no início do livro, quando o velho Finn carrega o filho para uma cabana no mato, e se encontram no final, na fazenda dos Phelps. Qual é a diferença entre os planos arquitetados por Huck e os feitos por Tom? Por que Tom gosta de estratégias complicadas e Huck prefere simplificar as coisas?
- 15) No livro, qual é a diferença entre negros e brancos? Selecione passagens que mostrem essa diferença. Na sua opinião, Mark Twain quis escrever um romance que é contra a escravidão ou a favor dela?
- 16) Você acha que Huck cresceu interiormente durante a viagem?
- 17) Você acha que, no fundo, Huck sentia falta de ter uma família? Por quê? Por que não?
- 18) Você achou o livro triste ou engraçado? Por quê? Selecione passagens que justifiquem a sua resposta.
- 19) Você gostaria de viver uma aventura como a de Huck e Jim? Como e onde seria? Com quem? Imagine a história e escreva uma redação contando as suas aventuras. Se preferir, faça uma peça de teatro.

